





0 Caatingueiro
Empoeitado



OSMAR ZIBA

O Caatingueiro Empoetizado



Palmas-TO
2014



Reitor

Márcio Antônio da Silveira

Vice-reitora

Isabel Cristina Auler Pereira

Pró-reitor de Pesquisa e pós-graduação

Waldecy Rodrigues

Diretora de Divulgação Científica

Michelle Araújo Luz Cilli

Conselho Editorial

Airton Cardoso Cançado (Presidente)

Christian José Quintana Pinedo

Dernival Venâncio Ramos Junior

Etiene Fabbrin Pires

Gessiel Newton Scheidt

João Batista de Jesus Felix

Jocyleia Santana dos Santos

Salmo Moreira Sidel

Temis Gomes Parente

Projeto Gráfico & Impressão

ICQ Editora Gráfica e Pré-Impressão Ltda.

Designer Responsável

Gisele Skroch

Revisão de Textos

Neusa Kruger

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins - SISBIB

F363c

Fernandes-Filho, Osmar Neves.

O Caatingueiro Empoetizado / Osmar Neves Fernandes Filho – Palmas, TO:
Universidade Federal do Tocantins / EDUFT, 2014.

112 p.

ISBN 978-85-63526-65-6

Coleção Literatura Tocantinense, v. 5

1. Literatura Brasileira. 2. Tocantins. 3. Poesia. I. Título.

CDD 379.8117

Copyright © 2014 por Osmar Neves Fernandes Filho

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

EPÍGRAFE

Vamos aprender a ouvir,
dar chance ao próximo...
Se tapa os ouvidos é porque
tem medo do combate de ideias.

Glauber Benfica



DEDICATÓRIA

Dedico esse livro a Alberto Alves da Silva, meu avô materno, Neide Alves, minha mãe, Cristiane Alves Fernandes, minha única irmã, aos meus familiares, inclusive todos, viu, Ireide Alves e Vanessa Rodrigues, a Alcebíades Laranjeira Segundo e João Batista Medeiros como os primeiros amigos escritores e incentivadores a me trazer à tona da escrita, influências regionais, a Josafá Siqueira (O Gringo) professor de literatura, ator, escritor, diretor, entre tantas outras, mudou minha forma de ver e rever a escrita, de escrever para cada pedaço, em partes completas e extintas, a conversar com a obra. Ao Mestre em filosofia da ciência, Celso Siqueira, historiador, amigo escritor e indicador dos melhores livros que já li, à Paula Montenegro e a Osmar Neves Fernandes e aos colaboradores textuais, Abel Filho, Almir Eustáquio, Amanda Rodrigues, Apoena Rezende, Celson Siqueira, Gionildo Carlin Júnior, Gladston Lima de Toledo, Glauber Benfica, Jerusa de Sá, Juliana Almeida, Lorrane Rocha, Márcio Lins, Rafael Batista, Thiago Lelis e Wilson Aleixo.



AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus amigos e familiares
que, com desprendimento e paciência
estão por perto, sempre,
meus conselheiros e incentivadores,
minha eterna gratidão a todos.



PREFÁCIO

O livro de poesias do poeta xxxxx é uma tentativa bem sucedida de o poeta dar sentido ao seu mundo particular, aquilo que vê e que sente. Sua labuta com as palavras já tem algum tempo e embora exerça atividades diferentes da literatura, em particular a poesia, é a sua grande paixão. xxxx nunca se afastou dela. Escrever para xxx é traduzir seu mundo interior que muitas vezes se choca com a realidade. É desse espanto, desse estranhamento com a realidade concreta que xxxx vocifera em favor do amor, justiça, vida, meio ambiente. Mas um poeta não deve apenas ter pontos de vista sobre a realidade, um poeta também é antes de tudo um artesão, um esteta da palavra bem dita e bem posta e nisso xxxx tem a cada dia aperfeiçoado sua arte. Como um artesão ele vai dando outros significados as palavras, buscando outros sentidos e com versos livres e bem proseados ele reconstitui o seu mundo interior e o mundo propriamente. Poesia é linguagem carregada de sentido, como disse o grande crítico Ezra Pound. Vejamos essa imagem numa poesia de xxxx: “...lenços de abanos/catedrais sem concentração/pura elegância/vem seduza...”

Celso S. Silva



APRESENTAÇÃO

O CAATINGUEIRO EMPOETIZADO nasceu da exposição dessas poesias em um blog na internet, foram duzentas publicações num período total de quase quatro anos e mais de onze mil leituras e quatrocentos comentários, no entanto, resolvi trazer para esse livro as poesias mais comentadas e ao ver, números de leituras e satisfação dos mesmos. Uma peneira do que já foi publicado no blog, onde se mistura, dor, amor, choro, sorriso, abafado, desabafo, conto, encanto, modernismo, arcaísmo, misturas, separações, aproximações, ânimo, saudade, alegria, tristeza, potência, fracasso, um estado de espírito real e flexionado, uma mixagem sem regras ou linha. A cada publicação percebo novos leitores que podem estar se envolvendo cada vez mais pelo simples fato de gostar. É necessário respeitar toda forma de escrita seja ela educacional ou marginal, é só uma percepção da forma do planejamento de cada um, escrevendo para o outro e o outro escrevendo para os tantos de si. Eu sou baiano de Guanambi, nascido no bioma da caatinga.

Para crescer é preciso se tornar refém de alguns exercícios, à inclusão dos modos que contrariam nossas vontades, principalmente as que infligem o modo de criação que foi deixado a nós e, principalmente do inventário, podendo respeitar o mundo e seu ecossistema, deixando um mundo melhor pra nossas futuras gerações. O CAATINGUEIRO EMPOETIZADO é um tratado das descobertas que tive no primeiro momento de escrever, quando pude ler sobre o que diziam sobre minhas escritas, e quando isso veio à crítica de uma forma negativa e positiva, percebi o quanto é bom gozar sobre o próprio punho. Na outra parte tudo vem sendo traduzido de uma forma metafórica, releia, O CAATINGUEIRO EMPOETIZADO é o nosso dia a dia.

SUMÁRIO

Epígrafe	v
Dedicatória	vii
Agradecimentos	ix
Prefácio	xi
Apresentação	xiii
A Letra A	23
Homenagem	24
Bêbado por acaso	25
Aborto	26
Oferenda	27
DANCE NO SILÊNCIO	29
Mulher-mulher	30
Luxúria	31

Menina que estupra	32
Vento leve	33
Mundo na mesa	34
Humberto Alves da Silva (in memória)	35
O MELHOR PEDAÇO	37
Brasil estadual	38
Qual carnaval?	39
É loucura?	40
Outro político	41
Sinfonia dos trovões agônicos	42
Dez destinos	43
DESFAVORÁVEL A DEUS	45
Medo	46
Cavalo de aço	47
Guanambi	48
Caatinga	49
Sertão morto	50
Reecontro de um lado	51

AMANHECENDO	53
Flamengo	54
Estúpidos e sociais	55
Quem é responsável pela nossa angustia?	56
Sem você	57
Sem penas, vôo	58
Ceia farta	59
JUNTOS	61
Enxergue	62
Belo monte deveria continuar belo	63
Nossas palavras	64
Uma nova noite virá	65
Entrega	66
Cerimônia individual	67
LÍNGUAS	69
Corpos iguais	70
Coração lastimado	71
Eterna	72

Rádio sem fio	73
Renovando	74
Freio quebrado	75
LAPIDAR	77
Meu grito	78
Me ama amor	79
Criança triste	80
Desilusão	82
Os invisíveis	83
MOVIMENTO	85
Eu, e Eu	86
Recomeçar em glória	87
Improviso	88
Escolher	89
Desejos declarados	90
O Curioso	92
DEUS DEU DEZ	93
Calma nossa, grãos	94

Repetição	95
Nova estrada nossa	96
Preciso das canetas	97
A manda de uma amada	98
INVEJOSOS MENCIONAM VOCÊ	99
Sempre mais	100
Nada em comum	101
Despedir o amor de mim	102
Segredo de escritor	103
Mentira que não quero	104
E a nossa saúde?	105
VAMOS PULAR	107
O mundo está derretendo	108
Os escravos não servem mais	109
Você	110
Abertura interior	111
O viciado não ver	112
Carta de amor é ódio	113

VISÃO INTERIOR	115
Família	116
As melhores ondas	117
O HOMEM E O SENTIMENTO	119
Aumentou a vontade	120
Rosa Rosário	121
Estonteante	122
DESESPERO	125

A Letra A

Acordei agora, ancorado, atrapalhei a avemaria
Armei a Amélia acolá
Armadilhas andam atadas
Aparentemente adestra adolences atrapalhados
Atento adorei afrontar adaptáveis advertências
Amanhã à aurora alcalina amanhecerá adulto
Anos e anos
Afetaram a afilhada, a fim de afligi agradecimentos
Amarei ardendo à alma, antes agregado ao amor a
agonia aguentando agressão
Aaaah!
Água alavanca a alegria, aleluia...
Acertamos a alga ao alfa, algo adorável, alguma
algazarra?
Atenção almoxarifados, amantes, alienígenas
Alertem ao alongamento, ativista, aluna apronta.
Amendoeiras arvoradas ameaçam amontoamentos
Amostrar amparar, amplificar angústia
Ânimos atletas apetrechados
Ansiedade ao aniversário, agosto atrasado anteontem
Anistia antológica, antiga anatomia
Apego ao apetite, aplaudo apoio,
Aroma arraial arrebenta arrecadados
Arquivo a arte, atrito admirável, arvore articulada
Assíduo a asas, assovio ao ar, atraso atrevia aterrisar
Atenciosamente amantes, ausentar-me-ei até aventurar.

Amém.

Homenagem

Em meio à overdose
O ácido dissolve
Jimi Hendrix distorce
O som da guitarra
Armando seus revólveres
Guns N' Roses have metal
Cantando is the end
The Doors rock 'n roll
Dos óculos do Jhon ao olhar cético do Paul
com reggae e poesias
Bob Marley influência
O Brasil, a Bahia,
Quebra tudo Sepultura
Cavaleira Bateria
Chega logo Janis Joplin
Raul Seixas e Cazuza
Psicodélicos e distorcidos
Cantam a morte e a vida
Como vírus proliferam
O desejo de seus filhos
Bob Dylan seus protestos
O poeta anuncia
Ao Brasil, quem diria...

Voa Zeppelin, me leva ao Oasis onde a Queen só usa
AC/DC, medindo com os Engenheiros do Hawaii no
amanhecer de um Green Day

Bêbado por acaso

Atrapalhado de cair...
Levantou em firmeza de caule
Esperando não deixar que desconfiem
Dos seus cacos de erros
É pra ser duro, bem mole.

Entorpecente confuso
Obscuro destravado
Está muito escuro
Vejo algo apalpado.

Passeio passarela de dormir,
Sobra anatômica.

Enquadrado alucinado
Mal estar de se ter
Não consigo firmar
Pensamento desconcentrado

O céu é meu clarão...
Na escuridão de sempre está só
Distorcidos querereres
Bebedeira atrasada
Em roda de corpo no copo
Virando a cabeça
Vômito casual
A garota fugiu.

Aborto

Distingue a tua raça
Nem é assim que se apresenta
Vulgar esse seu modo
Escândalos estão fora de moda
Nem assim se sente à vontade
Ver se emenda.

Mudanças de fato
Expulso de feto
Recompensaria ao amor
Que não gosta não gasta
Sombra do mesmo teto
Querendo está com você
pra longe resta, por qual afeto?

Calada desconfiada
Amedrontada mentirosa
Falso testemunho
Planta pra não colhery
Força aos partos falsos

Fantasia de fintas
Dobradas nos dribles azar
Se é calórica
Verás cólica
Não vai torrar
Demonstre a oculta parte vagabunda disfarçada
Predominante gelo
Cascuda!

Oferenda

Oito velas grandes e cinco litros de cachaça de engenho
Há tantos lugares que podemos estar
Imaginar o que queremos é perca de tempo
quando a ação não penetra
Efetuar as vontades é resplandecer sobre os gostos
Ir...
Desfilar vontades no ritmo da batucada
Bumbo por surdo
Sem conter tiros ao alvo foco
Perceber ritmos e dançá-los é tocar harmonia
Conquistas de blocos sem paredes
Segredos rebocado com pano nos planos
Sem bloqueio, irrestrito, totalmente livre
Melindrosas prendas não irão te render
Escandalizaremos o que almejar
Cedo, desprovidos de ninharias
Assanhando nossas penas iguarias
Convocando agora, limitações desconhecidas
Rango frente de ida? Quanto há?
Não sabemos! Ciência que procuramos desatou
Cabe a nós esquecermos limitações para o carrossel
piar
Movimento contínuo de paisagem inconstante.
Graça, a nossa.
Limitações nos embriagam de inércia
Nos direcionam a crença da capacidade
O segredo é ir a um galope rasante
Obstáculos que nos estimulam a saltar mais alto
Agarra-se na crina do asno enfurecido
E quanto às limitações? Torne-as flexíveis...
Moldando conforme a forma amassada
Calmaria agora, prestações pra pagamento a vista

Condição imediata numa vibração intercalada de
velocidade
Entendimento modificado, ritual a dois,
terra, céu, mel, fel, homem e mulher.
Necessitamos de obsessão, pote fundo de frasco largo
Busca incessante de sintonia, captação protegida
Destina a salvação
Repostas virão ao encaixe, passe sutil, palpável,
rebocado.

DANCE NO SILÊNCIO

Dance ao som do vento, no silêncio que invade a
porteira e sopra junto. Deixando a brisa
da sua alma sentar no seu grito.

Mulher-mulher

(Poesia classificada no III Jardim da Poesia do estado do Tocantins)

Mulher
Mulher minha, sua, criada

Ó mulher igual a minha satisfação
desperdício em ti tentações

Cabana Fernandes
Lenços de abanos, passas uvas
Catedrais sem concentração
Pura elegância
Vem! Seduza.

Excitação relatora de tipos
Atrai-me carne benigna e gostosa
Grato a herança.

Será tocada como o mais frágil instrumento
Serei agressivo para o mais forte momento
Grosseria de sensibilidade
Só assim tocarei além do seu corpo

Dama encamada
Qual será o segredo da próxima curva?
O chique desconcertante ou a sua vontade em
satisfação?

Desabroche, venha e cace-me.
Alterarei os meus músculos mais íntimos e te levantarei
sobre o gosto que quero.
Só o ouro!

Luxúria

O que nos cabe
Sensualidade, poupa não.

Propaga a sina! Propaga a sina!

Em vaidade, encantamento distração.

Viçoso apegado em chamas o pavio da enfermidade.
Molestado pagão embarcando no ninho da iniquidade.

Ter piedade, sanidade... Ter piedade, ser.

Não beba desse cálice
Fermentado, vulgar, sutil.

Preso, adentro as margens
Deixando o mar sombrio.

Refletindo bênçãos
Vistasas, vitoriosas, marcadas pela calma
de quem sabe seguir.

Sentindo na pele
Sete sentenças capitais

Na profunda febre, na profunda febre.

Menina que estupra

Ainda rastreava no palco cirurgia
Bares pessoas, entranhada dimensão
Noite diferenciada, duas mulheres
Penetração dupla
entre elas, já mulheres.

Ponteira de cérebro descalquiado
Num planejamento formigado
Rebuscando no dissertativo
Ninguém aparecia
Prenda minha amarrada.

Mesa com muitas novidades
Apaixonando novamente
Rumores castrados a boca da rã.

Troiana de sala presa
Sem serventia
Ocupadíssima a comer e dormir...
A dois.

Frustração para pai nativo e seguidor
Linha brusca
Contando os passes, a coceira inexistente.

Despede da vida, robusto, irado
Estrada reta para a treva após o descobrimento
Último suspiro, parou tem tempo
Ofegava até que não suportou
Asfixiado em corrente.

Vento leve

(Poesia gravada pela banda La Cecilia no seu primeiro CD)
Na versão simplificada

Encaretado e solto na montanha urbana
escravo!
Sobre a placa bamba,
tectônico riscando o mapa.
Ter coragem não é usar bastão blindado.
Atrasado mundo.
Relógio parado.

Enche os dias fracos.
Vento leve!
Maré esticando a rua ao seu endereço.

Almejo algo espalhar seu pólen, quebrar espinhos.
Procurar tesouro incerto,
não caminhar sozinho.

Controle a luta crua
Distingue o seu caminho
Pobre arco cego
Estrutura moldura nobre.

Acerte o ponto fraco
Chuva ferve!
Medo deslizando o nosso segredo.

Nada demais.
Nada através.

Luz atravessa a escuridão.

Mundo na mesa

Minha esperança é o que tempo
Não tenha tempo
Esquecemos dos dias que logo
Serão lembrados
Procurado perdido
de sentido magoado
Sozinho em multidões
Apoio desequilibrado
Inóspito, em qual cápsula habitar?
Ao cronometrar o tempo encurto a vida,
Ponto fraco pra quem tem o mundo na mesa
Diante do sustento
Prossigo embriagado em tempos de afazer
Oferecendo a sacrifício próprio

Nada nos prendem agora
Sem armas ou armadilhas
Caminharemos para o tempo do esperado plano
Não sentiremos falta dos medonhos
Os dias, punho sol
Nada refrescante, consequência fervilhante
Liberdade aos prósperos

Quem vive em emergência perde o rumo de fuga
Agarrado preso e continua.

Humberto Alves da Silva

(in memória)

Você veio e foi embora,
Entrou sem permissão e vazou levando o coração,
Parede de perdão...

Sem preocupar por quê?
Mal importa qual seria o final destino que veio na porta
e você teve que aceitar no leito caminho...
Resta o bastão de você,
Semeando por tempo e em tempos, pouco, porém
raro.

Calado jamais permaneceu
Salteou e leu sobre os romances dos contos que
adormecia,
Não queria.
Quantia...
Qualidade sempre assim servia.
Batia, soprava, cortava e não doía.

Velejador senhor, nadador menino.
Capacitado a escolhas, restrito e distrito.

Eufórico colhedor, descruzando vírgulas.
Alves firme, Hum alvo Berto de Codinome.
Esperamos que um dia o patuá seja quebrado
e possamos nos espalhar pra nos rever e
em santidade do Diviníssimo permanecer.

Segue na frente e veja o caminho que virá
Jesus é luz e te ilumina
Saudações é esquecer... Você é vivo e vive...
Pra sempre... Cabuloso Irmão Tal Qual Pó Voltou...

Alma Eterna.



O MELHOR PEDAÇO

O melhor pedaço de nós é o que se encontra sem
recheio, em fiapos, atração externa pouca
para interior succulento.

Brasil estadual

Os estados unem o país Brasil
Matos Grossos seu fio vinil
Rio Grande do Sul é palco de riquezas
Top model, fama brasileira.
No Goiás, tanto apresentou
Dividindo Tocantins formou
Sertanejos de vida limpa
Lição que aprende as rotinas.
Amazonas, pulmão mundial
Florestas, rios, belezas
Acre a mão do patrão celestial
O ar espalha função
Brilha vida no sistema solar
São Paulo, embola o Brasil
Acelera o perdão, Espírito do Rio
Tem de Tudo, a tudo se tem,
À vontade, idade antiga que vende a subir
No nordeste atacaram o Piauí
Bahia, escrita para mim
Conheci histórias dos poetas afim
Amapá no mapa, ponta do Chuí
Norte Índio, Maranhão Tocantins
Não é que eu repetir
Mas o trono agora é aqui
Minas Gerais, doce salgado
Cerrado da planta
Palpite ardido
Desordem no Distrito
Planos medonhos, arsenal de bandidos
Sem as lagoas, Alagoas favorita
Se é será, Ceará Paraíba
Parnaíba Paraná
Instinto pra vida
Rios Grandes, Pernambuco

Aguardando Rondônia e Catarina
Moto e jipe, grandes dunas, serve Sergipe
Moro aqui, o melhor do Brasil existe.



Qual carnaval?

Fosse o tempo!
Comparações tristes
Outrora músicas carnavalesca
Insinuava a poesia escancarada e libertina
Levando as visualizações osciladas
De uma realidade apalpável
E hoje em dia?
Exalação de conteúdo
Escalação das desnudas danças empoeiradas as letras
Como se tudo já tivesse dito e tocado
As palavras não tem nexo apropriado
Além da alegria, dias manobras
Por poucos,
Maiorias dos foliões adoram
Entregar a loucura da hora
Está tudo de qualquer jeito
As forças que tínhamos se reduz imperfeito
E ainda batem palmas
Pornografia mal dita
Caligrafia maldita
Fonólogos canalhas
Reciclarão melodias, novas moradias
Soldados da salvação
Onde podemos ao menos conservar
Pra onde foi o tom?
Onde pararemos?

É loucura?

É simples ser considerado alguém louco

Sempre vejo os tarjados “LOUCOS” pregando a paz
Pedindo humildade aos povos
Com uma flor na orelha e a áurea que incendeia
Uma luz pacífica em busca de harmonia
Atento a todos os seres que vivem
Vida com sabedoria
Já que sabemos que nada vai ficar
Paz e amor é o que essa tribo passa e em poucas
palavras
Gestos rápido, dedos angular, é V.

Consideram normais os que guerreiam em busca de
terra
Seus desejos empesteados, rasgando chão,
adentram com unhas alheias
Petróleo, santidade, necessidade inventado, uma
prévia.
São considerados normais aqueles que se
empanturram do dinheiro roubado
É normal ser corrupto desgraçado?
É normal jogar sujo?
Vou irando, esclerosado.
É normal querer explodir o mundo?
Matar gente? Morrer imundo?
Lutar por dependências que não lhe pertence?
Quais normais ficaram?

Outro político

Tatuagem manchada
Feia mesmo
Livro vendido à escrita punho
Redigido em cadeia
Assombrou, aterrorizou
Assanhou e não comeu
Porém pagou
Ah, mais se pagou
O ralo da mancada que ele deu
Ele veio e atirou
Três tiros certos, sendo um no fio do cabelo
e dois no dedo,
Ato atraente, fiquei esperando gente
Cadê os contentes?
Anunciava que alguém roubaria
O plano é central
Dia real, satisfazia
Só pra ver se aspirava à nova tradução
Flagrante sopitando, simplista anticorrupção
Câmara maldita, destruído ainda acreditado
Fugir ao sair, outro ladrão
Veio a aplaudir, medo de mim
Arrancou do bolso
Enviou ao meu rosto
Tinta na cara e arranjos
Pensava em morrer
Ladrão de todo o mês acertou novamente,

Caiu mesmo.

Sinfonia dos trovões agônicos

É largada quando chegava à mudança
Viva vida, embora crua
Hora por minuto sem pressa nenhuma
Surdo quando segundo passado é
resmungo desse presente contínuo.

Prolifera o tempo de existência
Senhora do destino
Uma deusa ímpia
Acolhendo a criada permanência

Inserimos na vida como intruso
Audacioso sem visar um futuro mal qualquer
Retrincado arrancamos a nova regra
Afundado em averno recém formado.

A essência no atônito encontrado no antropocentrismo
Onde Deus diria a Deus dará
Totalmente atávico onde se diz e cala.

Mistures com suas faces
Mulheres desde crianças das danças envelhecidas
Como nós velhos jovens grandes meninos forte.

Vindo da presença constante
Fortuita em gozos profundo e trágico
Cômico em direitos de lambuzadas.

Invadido ao olhar, raios
As narinas, bocas, ouvidos, orelhas
Olheiras no rosto magro
Levando todo resto, num resto sem fim.

Dez destinos

Desdenho ano velho
Dez membros inquilinato
Dezembro avermelhado
Dez tenho vibrado

Desmente o erro
Desprover futilidade
Detenha o emperro
Desembarace eternidade

Desconte angústia
Desenvolva sabedoria
Despedida avulsa
Desenhe nordestia

Desnaturalizado menino
Desconto ao aprendiz
Desventurado abrigo
Desatento ao que condiz

Deselegante seria eu
Desperdiçar o leriado
Desafiar o que perdeu
Desacatar o legionário

Dez detentos desafiavam desatento o dízimo.
É só dez por cento.



DESFAVORÁVEL A DEUS

O primeiro sentimento de amor é desfavorável a Deus, quando é dado a outro ser que não seja Ele.

Medo

Calava e ouvia o silêncio em extremidade
Já era tarde, não conseguia ver ninguém
Uma amargura recheava minha garganta
Gosto de sangue
O medo cutucava-me pela sombra
Que sumia quando me rodava a luz
Uma voz de refúgio aparecia
O grito lembrava a infância
Tardes que ferviam no meu cansado corpo virgem
Queria desesperadamente um coletar de amor
As perdas e horrores me deixavam saudades
Temores das lembranças que concordo
provocam-me sina de não fugir
Como um cinto de laço frouxo roxo
A sua disciplina é falha pros meus interesses
Você faz garoa cair dos olhos alheios
E um dia vai chorar tempestade
Se sua faca tiver amolada, apunhala-te e
guarde sua morte, medo!

Cavalo de aço

Estava claro quando o voo pegou

Engasgo entalado de adrenalina
Ontem fui anunciado na sina
Revelações de sonhos reais
Que urgido sempre reencontrou

Explode. Tempo de emoção
Combustam fogos, cantigas, diversão e meninas
Tremelique de um brabo peão
Gasosa fusão de comando a mão

Pião em duas rodas
Zero, ó,
Cavalos de aço que refuga
Sacode e pula
Quando o aperto do piloto for encorajado
Alado sem carroça, puxa, fere pinche

Tamanha bondade é a liberdade
Brinquedo que proporciona
Minha água é gasolina e óleo
O cabresto é o manejo que sacudo
Tem pedra, morro e areia
Ronco que atrai lindas sereias
Lombo fino esponjoso
Off Road, no fear
Cavaco, acelero, empino e cutuco
O prazer é de desejo, nada absurdo

Motoqueiro Marujo.

Guanambi

Cidade no sudoeste da Bahia (Tupy Guarani – Beija Flor)

Oh Saudade arrebatadora
De um povo acolhedor
Quanta vontade avassaladora
Dessa cidade de esplendor

Guanambi indica o prazo
Sem pressa e com razão
Convocação no emprazo
É veredicto do perdão

Muitas vezes procurei olhar
O que se parece com você
Mas acabei de acreditar
Que é inimitável parecer

Não chora e não implora
Cidade imensa de exatidão
Solta dia noite a fora
Agradecido a imensidão

Pequena já estive
Cresceu e se aprumou
Parabéns pelo que manteve
A sua áurea clareou

Terra de pouca chuva
Missa galo de igreja sólida
Povo que não trabuca
Sobe o morro à novena pálida

Aceno tchau ao povo sorridente
Desejando o olhar de cada cidadão
Fico esperando e contente
A hora de voltar no sertão.

Caatinga

Quando começa a chover no nordeste
Tudo modifica a terra de seca braba
O fogo que destruía
Fruta agora parabeniza
A chuva vence e reconstitui
Os pássaros cantam forte
Os insetos desabrocham asas
Até os caras, tem outras caras
Mamata de um sol escondido
Vento sopra barulho trovado
Luzes cores, arco-íris doutro lado
Lavei minhas mãos à bica
Vivendo outra vez
Uma canção que remete a planta
Tranqüiliza o coração de quem almeja o verde
De quem espia nos feixes
Luz inteira é graça
Abrem todas as portas
Os meninos nas praças
Os senhores das roças
Os adultos das casas
Cavalo pra algarobas
Os adubos nas latas
O feijão nas covas
Saudade de você
Saber rever quando aparecer
Perceber o mandacaru
Os espinhos do sul
As flores xerófilas
Tira a cera da folha
Na enxada do plantio a bolha
Próxima chuva, só esperar.

Sertão morto

Bota balde de lata na cabeça
Segue até o lajedo descalço
Sol furtado de excesso
Lama, lodo e descaso
Um abandono seco
Boi morto na beira da estrada
Povo que farofa rapadura
Cheio de gente no pau de arara
Duas velas depois das seis
Cheio de santo na sala da casa
Gerador que dia funcionava
À noite sirene anunciava
Só amanhã cambada
Puxa cobertor enlânzada
Serenos de madrugada
Perna cruza corpo frio
Centenas de arrepios
Pro sertão comemorar
Adobe na parede mole
Cavalo com arreio pronto
Sertanejo na rede dorme
Algaroba com espinho é rombo
Estilingue baladeira gude
Passarinho que não voa morre
Na sujeira, se lava no açude
Menino na estribeira corre
Chinelo quebrou depressa
A menina na calçava acenava
Voltava chutando pedra
Outro sorriso que dela arrancava

Reecontro de um lado

Olhava pertinente
Não obtive resposta
Faíscas de flagras engasgavam
Nada certo
Veja, veja, olha aqui.

Não vi se via
Mudava, pisava esquerda, voltava direita
À frente, seguia, espiava, curti nas conformidades
Uma profundidade a captura
Ruptura descriminalizada.

Sem crise
Alça boca pra dormir
Lembrava que só os anos mostrarão novos padrões
É nos anos que vivemos
Agora! Sempre hoje.
Um biscoito mastigado de longe.

Elevo a dor no elevador sem cabo
Aço duro de rever
Querer ver é quebrar
Camisa resistente no couro da festa
Versões de opiniões passageiras

No primeiro momento a sós
Verás que é aqui a vibração mais forte
Feito prédio em tremor
Ao terremoto.



AMANHECENDO

- Poesia não é droga, é café da manhã.

Flamengo

Paixão escancarada
Recheio de maracá
Grito único em volume
Momentos que conquistam.
O atraso convém ao possível acerto.
Aceleração de tempos.
Baque de explosão.
Jogos de coragem.
Alem do comparecer.

Eras novas vêm de ser...
Campanha que empolga vontade...
Trazendo símbolos troféus.

Torcida de imensa massa.
Rubro-Negro.
Urubu arrasador
Comedor de especiarias protéticas

Superação de sonhos!
Alô nação Flamenguista.
Conquistaremos o que já é nosso.
Futebol é o indicado.
Vencer é Vencer!
Por vários cantos, um encanto de ser
Sim, até morrer!

Estúpidos e sociais

Estúpidos e sociais
Oferecem-se pra lutar e mudar
O que ainda nos resta desse mundo
Tudo parece ao contrario
O menino do barulho emudeceu
Minha dor é causada pelo imundo
Naufragado em copo e prato sujo
O jogo não é regra no contexto
Assim como pinturas surreais
Dissecada a vida nua e crua
Descordando dos fatos tão normais
Os espíritos mantém a terra pura
Atrapalhando o som astral dos animais
Os deuses nos ditam harmonia
Enquanto os homens brincam de
guerra e de paz.
Homens?
Ver se evoluem!
Pois a hora de mudanças é chegada
Não brinco embaixo de escada
Não tenho tempo pra superstições
Nem acredito em verdade absoluta
Onde a inocência vive em cima do muro
Trago poeiras das estradas
Pras mulheres, diamantes e cristais
Num segundo eu resumo a vida inteira
Ficam brincando com Jesus e Barrabás.

Quem é responsável pela nossa angustia?

Angustia palpito eu
Poderia ser diferente
Permanência sem crime
Pediria desculpas a todos e reconquistava-os
A verdade nunca perde
Ingrato, nada pardo
Cores de multiplicas funções.

Não tenhamos crises
Cristo abençoa
Tentaria novamente
Qual parte do Brasil
Anil mais uma cor de ganhar, qualquer lugar
Tenho os números
Conceitos fartos de amor
Vida digna.

Sem nó, um conselho favorável
Temos os manches e o trem pra vida
Vamos codificar?
Assumiria qualquer risco pra não me arriscar.

Sem você

Roda noite frouxa
Acocho parafuso panda
Eu só penso em você
Tora dia apertado
Folga rosca espana
Eu só penso em querer
Sexto sábado, calo ralo, carta
Terapia relacionada
Velejo as preciosidades
Oferecimento pra atuais dias.

Ir embora, criar ansiedade
Cintura no jogo da pala
Abalo, nossas escolhas
Ajoelho completando, contemplando
Erguer a mais, porém reto
O único amor carimbado, combinado.

Sem Penas, vôo

Como corvos, como frango
Olho os ovos, choco os olhos neles
Corro contra, como não corro deles
Vida de pão na gandaia
Incendeia a parte da caldeira
Purê do lombo, batatas n'água
Codorna nova, corda pra acordar
Asas assadas aceleram periodicamente
Perímetro é o primeiro passeio
Bate asas, sobe mais
Sem pena!

Ceia farta

Fosse lua cheia e nossa ceia
Carne sofreguidão e tirolesa
Doce de casca de mamão
O pudim seu a torta nossa
Morango e sobremesa

Fosse arroz açafrão e quiabo
Teu sorriso pálido
Meus dentes amarelos
Nosso bafo e nosso vão ego

Carcaça de raízes ímpias
Maçuda branca de toda cor
Retina de sobra na mesa
Jarro de ossos pra água medida

Trouxe ritmos oboé
Bronca da sina, má fé
Apalpa pelo couro toque a pele ao pêlo.
Apelo papiro pelados
Saboreando-nos
Assado recheado.



JUNTOS

- Unir as mãos aos sonhos é unir o coração à razão.
Não se engane. Desperte ao duradouro.

Enxergue

Olhos negros
Negros não mais

Choque negro
Uma negra chegou

Olhos baixos, aqui pra baixo
Daí de cima me olha
De onde espia
Sozinha na cutia
Esperava vim de fosse
Espio de longe
Olhos inconstantes
Desviando “rabo de olho”
Desvia sempre
Sempre não ta
Distância afastou tudo
Quase não enxergo
De longe observa
Atentos, sem cessar
Olhos negros a piscar nos brilhos
De perto ai de ver
Desperto olhar a ti
Ver você, esfrega olho nu

Ao receber olhos teus
Fito, olhos meus
Fechados em ti, por ti

Vou embora te ver, mais de você... Não vi.

Quero mais...

Belo Monte deveria continuar belo

Primórdios, apego...
A selva é seu espaço
Na progressão do homem
Regressão descompasso
Minimizando extensões
De ligações e tradições
Massacrando toda alma
Como toda calma

O índio chorou e o congresso aplaudiu
E mais uma vez o país que traiu
Vendeu, conseguiu mudar a cor do Brasil
Num sinal verde e febril
A bandeira é cinza

Os verdadeiros donos da terra
Mais uma vez perderam a guerra
Fugindo das tendas e palmeiras
Pra morar no concreto das ribeiras

O dinheiro vira arma e as flechas suvenir.

Nossas palavras

Através das palavras nos encontramos
em mundos imaginários
Interagimos e sentimos em pele as mais profundas
traduções
Conceber o raciocínio lógico é imaginar o que for livre
O que for alcançável diante dos nossos quereres
Por isso muitas vezes estamos em sonhos
Imersos, mergulhados.
A vida nem sempre encaminha ao rumo que queremos
Existem versos tristes, a necessidade da tristeza
faz com que a alegria volte em ênfase
O adeus não chegará tão rápido
Muitas células serão reformuladas
Bem cedo começa a nossas explicações
Excitação pela primeira vez
O sutiã para a primeira menina
O gozo da última transa
As palavras das primeiras tramas
Os contos para os primeiros sonhos
Nascente evita, fortalece, eterniza, registra.
Nossas primeiras atitudes afugentou desejos
de escritas e de compartilhamento
Indireta de culpa seria não registrar
tais virtudes inofensivas e ferozes
Sempre sentir que as palavras mesclam purezas e em
certos momentos despudorados de fissuras esclerosam
nossa ira, puta e santa para o texto perfeito de erros
invisíveis.
É aqui que encontramos nossos mundos imaginários
Interagimos e sentimos na pele a vibração indecifrável

Uma nova noite virá

Por onde andaria o maior dos maestros?
Percebendo o sumiço fizemos uma procura
Sublime lugar que repousa os mortos
Atrás das batidas dos chinelos na poeira
Sob a maior das tumbas o melhor maestro
Sua orquestra visível e inimitável
Publicamente submetia no envolvimento
Momento pra não ver, sentir é a sentença
Guardado onde podemos achar
Olhando daqui, trajado ao rompimento de acordes
fortes de instrumentos frágeis
Bailando até o final da música
Sem perceber realmente onde estávamos
Ninguém mandaria em nós aquela noite
Bailado estonteante misturado ao apagados lençóis
Imprevisto e real
Momento mágico
Onde as emoções se misturam
Além de nós, uma atmosfera gélida
Respiração quente exalando tendências
Bombardeio aos nossos corações
Acelerando proporções de adrenalina
Esfriando ombro a ombro, corpo a corpo,
muitos rodopios, sem fim.
Baila comigo?

Entrega

Pousava vagarosamente aos olhares
Corretados sobre a menina
Mal ela sabia quanto queria
Havia desejo sobre minhas tramas mangas longas

Ao parecer soprei no contato mais íntimo
Prima cegonha, pássaro mensageiro
Flechado invoquei o seu ser
Menina linda
Olha pra mim, escute-me
Fazemos da noite ainda mais longa
O fim não pode, não quero, não vai

Pousado nos Vales Verdes, valeu
Encantei sobre o modo sutil e delicado
Sensível para mim, nunca mais
Era o sempre que queria

Elegância e arrepios faziam da vontade
O maior prêmio de recompensa

Carro fundo... Eu e você... Conversas...
Mãos, braços, lábios, pescoço... Abraços!
Um breve cheiro, um breve lapso
Colapso energético que derramamos
Sob os colos
Estacionou na vaga mais ampla
Uma pequena alavancada
Porém profundo aos seus rastros
Abraços que apertam na folga não fogem

Amamo-nos por uma noite... Simples e perfeita.

Cerimônia individual

O cúmulo está mais óbvio
Zoológico ativo
Sexo explícito
Ilude a cena dos mortais
Poderia espreitar nas ruas meus cantos
Alugando meu grito
Peito irônico incômodo
Todos passando mal
Elétrico liga um pacto fascista
Num choque mágico, vermelhas rosas
Rompeu o ciclo, identidade do mal
Essa estrutura encosta
No maior dos seus modos de espera
Atrapalhando quem une suas massas merda
Contemplar a noite, mais de um sonho
Enquanto todos alugam seu vinho ao copeiro
Colunistas “letralham” nos jornais alheios
Imagens falsas, fotos corretas
Ações indigestas, falsos profetas
Sede, um pouco mais
Quem rendeu as nações
Sem noção, mais ação, sorte demais
Não rendeu a preguiça, natural isolado
Mil milhares de vezes, centenas de milhares
Pamonha nos números
Fermento profundo
Vagabundos armados maltratam as turmas, perdi.
Tudo é individual.



LÍNGUAS

- O beijo é uma comunicação universal. Línguas!

Corpos iguais

Corpos de raros prazeres
Insanos inválidos revelando segredos
Mastigam, engole e passam mal
Vários pedaços inteiram
A mata passada no fogo e o acero
Delírios de febre
Os homens só rezam conforme o terço
Não querem ouvir quais temidos são os conselhos
Despreparado para amanhã
Franqueza fraqueza
Solução do carjón ao toque madeira
Seguiram os corais, encantar natureza
Bambular no tom da pedreira
Parada de gíria do tempo pacato
Abismo de cores do tipo apagado
transparece o sol, pra rachar
Será que somos herdeiros de tudo no mundo?
Quais próximos definem tanto absurdo?
Queríamos saber o par do pra tudo
Definindo pra terminar
Será seríamos? Bem diferente!

Coração lastimado

Come as lástimas massacradas sem saga
Bebe as lágrimas enfraquecidas sem sal
Vigora pálida, enrugada atrás da pele
Prazeres acabaram
Incrustaram através dos dias de berruga implantada
Cavando esconderijos atrairei meus inimigos para
surpreendê-los
Ninguém me achará
Almejarei em cima dos suspeitos sem ferir
Todos os rojões me pertencem agora
Protegido... Erguido... Salvar é a promessa
Acredite!
Tudo dói.
Sequestrarão nossa liberdade
Sarcástica envolvendo o bolo inchado
Como um lobo plastificado
Sufocando, seu uivar
Fermento em quantidade vencido
Jamais acharão nossos papeis assinados
Incendiaremos os fóruns
Assassinaram os verdadeiros animais
Assinatura do comando finito
Gritava! Gritava! Só ele escutava
silêncio...
Ninguém nos vencerá.
Expulsa!

Eterna

Queria está bem longe
Com você
Procuraria a cabana mais segura
Pra você
Resistiria sobre minha hipocrisia
Por você
Sentiria os mesmos cheiros
Sem te ver
Quem é você? Qual é o seu sentido?
Não viva um dia de cada vez
Historiamos em um teatro com lágrimas e choros
Os papéis frágeis dos nossos atuais dias
de cores começa a dissolver
Dispararia se não me servisse mais
Longitude definiu um só plantão: Saudade
Gostaria que o convite fosse feito
Imagino apego, pórfiro, de rocha mesmo
Trocando trocadilhos, tropeçando em corações
trancados
Suportamos esses dias contra
Esse é o destino que sonhávamos?
Copiando a existência creio acima dos erros
Acertos pra dilatar pupilas
O seu instante é só seu
Individual ou conjugal
Da licença, empurre, me surpreenda.

Rádio sem fio

Mostrar-nos sem medo dos tombos
Confundi o time da sorte
Passeio no deserto dos campos
Substituir o centro da morte

Colocar fogo no santo
Conseguir atrair o amor
Polir um tiro tirano
Amedrontado nas curvas do horror

Não culpe nenhum coração
Crendo num sonho que jamais existiu
Pode inverter a situação
História de chocar em quadrinhos

Precisamos dum novo explosível
Formulada com outra visão
Verificar botões do rádio visível
Interferindo frequência fusão

Brônzea em qualquer bancada
Olhe para todos os olhos
Mostrar não é nenhuma mancada
Princesinha de essências e óleos

Desafiando o tédio agora
Descriminado em um grupo infernal
Direção me saiu na tora
Perfeição do amigo astral

Reate uma desnuda ação
Engabele a moça no parque
Invoque, mas sem destruição
Chicoteia a cena de ataque.

Renovando

Encerra ano, dia, hora
Renova
Trocando a pele já gasta
O que foi feito?
De qual proveito?
Satisfação ou construção?
Progressão ou indefinição?
Regressão? Não!
Tantos planos
Solda na base
Sobra de esmeril raspado.

Sacode!
Ações iguais, resultado idênticos
Resultado diferente inverte a rota
Entristecer é reduzir dentro as aspas
Esticar é volta pro lugar
Após a ação
Crescer é olhar do alto.

Flua no construístes
Ponte pros lados nossos
Quanto maior for à montanha
Maior tem que ser sua vontade
Erguer prédio alto
É saber, fica em cima o respaldo
Começo e fim
Recomece!

Freio quebrado

Era sexta feira
Tarde explorada
Uma velocidade
Vital descarregando
Tinha mil respostas sem exclamação
Divertia na escuta
Tudo emudecia
Adormecia minha mira
Loiras castanholas
Cabelo perolado
Vim de dentro surge
Espuma de bolha presa
Liquido irritado
Saúde a pressão
Queria me acalmar
Ficar tranquilo sem chorar
Numa paz de resguarde
Tinha duas respostas
Uma que amarga e a outra que implora
Pode ser hilário
Ou temer agoniação
Procurava entender
Traduzia pra manter
A execução
Danças de flamingo
Botas pra construção
Animais em desenhos
Números infalíveis
É hora! Execução
Acendi sete velas
Cada dia uma cor
Essência de flores

Fruta Jamelão
Era tão melado
Rapadura raspa grossa
Seios de signos vão
Erram outra entrada
Era outra estrada
Vários destinos
Desatino.

LAPIDAR

- Atualizamos nossas vidas nos momentos das ações, nos momentos de revestimentos, seja como for, aparentemente visto ou internamente sentido... Sempre há o que restaurar mesmo dentre tantas certezas inacabadas e propícias... Lapide-se.

Meu grito

Irrite, a sempre um propósito na voz
Não engula esse papo silencioso
Catástrofes, desabafo nas ruínas
Grite, não cale e nem resmungue
Fecharam o velcro da fala
Pra tentar lhe manter afastada
Não vamos esperar um tom grave
Nem parar de repetir os fonemas
Além dos megafones
Temos os PAs na pane
Você vai escutar
Nem que eu tenha que quebrar o ritmo
Pra atingir outros lugares
Todo mundo escuta
Só você não reflete
Todo hemisfério também ouvirá
Sem agredir todos os tímpanos
Já tenho calo na corda vocal
Se silenciar eu grito
Não desperceba o sinal

Me ama amor

Ama? Mas como assim, amor?

Muitas coisas se vale perder pra se dar valor...
Em outras é necessário agitar, pra se tornar calmo...
Noutras é importante ser imaturo
pra que possamos alcançar a maturidade...
Assim até se entorpecer pra descobrir que
é limpo que tudo você fica meio louco...
Só cresce quem um dia foi pequeno...
Só cria família quem um dia almejou ver seus filhos
correndo e gritando papai com o coração
cheio de amor e alegria...
Só existe a perfeita MULHER quando o homem ao seu
lado percebe que é de cuidado que ele está falando, e
de enxergar sem ofender, e entender sem cobrar...
Cada um de nós somos respostas de outras uniões,
e como nada parece ser mais arcaico, preferir ser
moderno, pra depois redimi e senti que se apegar
aos princípios é poder viver mais,
é lapidar a saúde e enfrentar a vida,
não como um combate,
mais como uma dádiva de funcionamento perfeito,
manso!
Isso acontece independentemente dos resultados...

Criança triste

Fui pular corda e ela afrouxou
Meu carrinho de madeira não tinha pneu
Minha mãe me deu um bambolê quebrado
O velocípede que eu tinha era emprestado
Se não ventava a pipa não subia
No pega-pegas, pegar vareta
Que bicho papão?
Mentiram pra mim
Eu escondia pra você achar
Contava até 100, chegava natal
Papai Noel era fantasia e o bate-bate não batia
Descobrir que quem move o trenó era a renda
As renas mortas estilingues, matar por matar
Me tomaram a maçã do amor
Se fosse amor não tomavam
A minha bola dente de leite
Dentro do leite caiu meu outro dente
E jogando ao telhado pedi um sã
Dalila traíra entregou Sansão
Maria Bonita apagou Lampião
Julieta adormeceu
Bebeu veneno seu amor Romeu
Rapunzel do alto cabelo jogado
O príncipe chato sapo cavalo
Nenhum beijo acordou princesa
A não maçã, a branca mordeu
O cravo brigão fez rosa despedaçar
Dona Chica escondeu o taco
Quando o gato morreu
Tarzan trouxe do mato
Imita macaco, a Xita cresceu
O carrossel que não girava
Fez roda gigante e encolheu

Maria e João, pé de feijão
Vassoura que voava não varria chão
A bruxa ria e o saci corria quando o palhaço chorava
E amarelinha do meu pincel
Não coloria azul do céu
Quando criança a cirandinha escondeu o anel.
Acordei os adultos que sofriam num mundo insano
bola de meia
Na igreja ouvir falar que criança é anjo, não sei voar.

Passos calculados, cautela em expressão
Refoga amigo só, nunca deixa na mão
Antes céu elmo de galope firme
Calma, haja, frente, colo e abrigo
Os seus conspiram vitória por si
Os outros inspiram tudo sem fim
Só no osso, coração motiva corpo
Petróleo que cava aqui
Lina acena tiau pra ti
Jó disse a Nal
Comunicador now hall
É assim que se faz...
Crédito a mim é valorizar marfim
Entre tantas outras matérias afins.
Anda Beto, creio que Clea remove tampa
Passa bola, saudade emenda
Perto ou longe
Tudo existe
Sou bem mais feliz
Mas alegre menos triste
Perna em busto
Buco bambu a "cabanar"
Palmas, espalmas, abra garrafa citro
Toca aí, um brinde, tim tins.

Desilusão

Os intuitos que nos cercam provocam sensações
de normas comuns e anormais
Sabemos decifrar o que melhor nos faz ficar
e condiz em estremecia.
Procuramos não viver o ruim em novidade
pra que não nos percamos na idade
Todos os minutos são ficados para trás?
Porque desperceber e nos render ao que não é eficaz
Felicidade se tem por momentos de vida
Todo instante é de erguer por sina
Aquele caminho que entendemos que devemos viver
Nunca foi de se esconder quando temos visão de
perceber
Entenda que a maior prenda é feito na renda de agora
Por se por fora é de outrora, hoje é necessário realeza
Todo lixeiro recebe ligeiro descarrego frontais
Só atingimos resultados diferentes com ações diferentes
Desperte ao duradouro e faça de toda pedra de tolo
o mais caro dos outros
Assinatura conjugal
Promessa que só a vocês conhecem não é sacrificio
remoto
O maremoto é de balanço frio

Os Invisíveis

Beco escuro, sujo repleto de pessoas imundas
Corredor molhado, fedorento,
paredes de prédios finos e altos
Por onde amolecemos em propor oportunidade
a qualquer miserável
Envolvimento é ir para o lugar de qualquer um
Compaixão é examinar que alguns não estão de
propósito
Vale, fossa, ritmo de outras noites em pé
Oportunidade ou exclusão?
O problema não é meu! Decepção
Findada sempre a nuvens escuras e carregadas
por tiras salgadas
Frio de gotas empencam em alma dada,
prata vista em outros blusões
Qual cama confortável e quente poderia abrigar um
demente de mente travada?
Absurdo, tem surdo, cascudos,
peregrinos de bairros somente
Só na mente para quem mente enganar larapiadão
Roubaria outra quadrilha só pra difusão de continuação
Permanência de desabrigado se repete por ações iguais
Guerra desnecessária para estatística corrompida
Entrei em história de uma cultura falida
Esqueceram de tudo, morri esperando a vida



MOVIMENTO

Correr riscos dentre as circunstâncias do dia a dia é normal, só não é normal ouvir a buzina do trem e permanecer no trilho... Mova-se!

Eu, e Eu

Nessas pistas tráfego ilimitado
Procuro outras rotas no distanciado
Invisível, por não ser como você
Procuras perturbadas não perfuram o sistema
Problemas, curados, sangrados, sagrados lábios falante
No ato serei, atrás da cortina já não sei
Sombra a luz a quem esconde e cala, ver.
Corrige mente, mentir isola no canto
Sorrir contigo é chorar real, descontrole
Caminho de ratos sobre a grama
Imito caminhão de escapamento rasgado
Pura lama, o fedor em ardor não vomita
tripa de corpo vazio
Perguntei por todos, a quem?
Quanto? Quão? Quando?
A vésperas do engano, gritei para mim
Solidão é vida quando descobre enganação
Tem tostão que alivia coração? Não!
Pra adquirir qualquer perdão é necessário chorar
sangue
Tão grosso que nenhum exame consegue o marcador
DNA.
Não consigo me perdoar acreditando ter a razão.
Chora não! É penitência ou convicção?

Recomeçar em Glória

Vivo preso em mim
Num sentimento privado
Meus medos implicam em invadir meu ser
Retrata agonia, incerteza na sina
Variados passos desnecessários
Ida e volta sem fim
Quero ficar trancado no quarto dentro de mim
Não responder por mal saber, sair do atolo, enfim
Um roto de angustia, inscrito em si, escrito por sim
A sombra retrata o espelho da crença ruim
A mesma fé que te falta é a força existente
Recomeçar em glória
Não criar uma corrente em ruínas
Quem não arrisca, desconhece vitória

Improviso

Trinta motivos para sorrir permanecem vivos
Trincado, assim não gosto, conto lirismo
Corrupção alheia me faz sem partido
Amor até onde corresponde é magnífico
Salto de esfera sozinho é fictício
Luta diária real sem improviso
Catar grão por fardo é benigno
Lua cala o moço, romantismo
Sem ego encaixa rápido, paraíso
Simples longo média, fascismo
Rompe laço forte, é digno
Menino rápido que pensa, prodígio
Anos que passam logo, repentino
Mulher minha única, conformismo
Arranca roupa quente, comodismo
Prato cheio no talo, bendito
Pede esmola rouca, vem mendigo
Parabéns a mim, estrada, labirinto
leia, recomende, compreenda, eu preciso

Escolher

Quando me deparava não frente do que fazer
Ficava pensando...
Como devo reagir?
Pensava!
Refletia e sentia sempre sobre o justo.
Quantos custos intermináveis?
Quando os cursos são representáveis?
Por que fica, parafina, para uma fina decisão
Minucioso, portal de arder osso
Chutei, sim escolhi
Pato ou garça?
Qual onde traça determina ciclo pruma vida toda
A competência de escolher é o resultado do viver
O que se move por identificar é
o mesmo que se faz por praticar
Tenho o ovo, a galinha, a sobancelha e o model
Caça fantasma em luz, escurece pra ver por céu
Que escolher é tão confuso
Quão texto desnudo
Juntando as pecinhas.
Valorizava despercebimento
Realçava envolvimento
O que escolho de melhor é fazer me ajudar a definir
Redimir? Não! Para todo pão à de escolhermos
Doce ou salgado para rechear.
Prefere esse texto ou o último?
Escolhe ai!

Desejos declarados

Acordei de repente pensando:
Você jurou vida conjugal e fugiu
Você disse sobre discos e me trouxe pen-drives
Exclamou ditos do século atrasado
Você olhou em vários olhos
Mas dizia que o único que te interessava era os meus
Disse sobre verdades e se enganou
Julgar? Apontar? Obter?
Calava eu em mim
Permitindo desencontro e magoa
Encontro pacificado
A firmava em me dizer
Totalitária como o derradeiro PAJÉ
Hei, olha a mim: Escute-me! Insistia ela...
Falo-lhe homem meu
Dizia cria que enrosquei
Peito meu, vai, se demora, derrama
Digo mais: Tu és o cara homem meu
Tímpanos a mente comparecia como o mais alegre
palhaço pronto
Sem maquiagem, com a peruca incendiada e o nariz
mastigado
Cachorros que aparecem sempre
Aquele que escolhi
Decidiu e concluiu
Jamais soube de nada
Rara praga que segue os lados que afetam
Mundo que acontece ao lado
Disfarça, finge não escutar
Cala de boca, é bem simples, mais que amar
Distância corroem momentos eternizados
Sinto que implicância impede
Balão médio de voar
Liberte-me moça atual

Encontro casual é majestoso
Mas sentir vontade do outro e não estar
É assumir perca de vida...
Não tenha medo
Sinto que tem enredo vulnerável
Mas o primeiro a crê
Possa ver
Tem que ser você atual “in-diagnosticado”
Revelar amor é deixar que a dor descesse ralo abaixo
Os motivos reais esconderam
E o seu pedido carnal é fatal obedecer, ir fazer
Chance escondida que leva a nada falta repentina
Procurai samurai de promessa antiga
Estendo braços abertos que exponha verdade em
manifestação
Conte comigo, conte...

Um, dois, três, oitenta e, oiten, oite, oi, olha ela, e eu
prossigo a minha herança em numerologia onde dizia
que de costa todas são iguais
Sorrir é que pode ser demais
Em meio a contagem adiantada
Desespero demonstra incerteza
Adnama mama em peito fértil
Sua verdade é o grande lance
Porém sua mentira é egoísta.
Amo em ti você
Lado que espero a ti
Podemos exercitar quando acreditamos em amar, amar,
amar;
Não irei resistir se demorar.
Não procure entender e nem desacredite em si
Você é capaz, viverá e saberá que exercício real
Vai onde sonhamos e não acreditamos que podemos
chegar.
Sua base índole é inviolável
Creia e estenda, braços meus conforta tipo seu.

Por mais careta que para eles seja falar de amor
Mando ir à merda, tramela que jura sofrer sem
reflexão.



O Curioso

Notícia Surpresa!
É boa ou ruim?
Conte logo!
Espere!
Não, não...
Não faz assim, conte!
Vou falar é de mim,
sim, fale...
Espera, tanto que desespera, por quê?
Sou meio e início,
sem fim,
curioso e apressado,
está dentro de mim...
Ok, entendi.
Mas poderia nessa história
por logo um fim?
Pensando bem, não...
Deixa pra lá, outra hora lhe conto outro caso tonto

DEUS DEU DEZ

Nova mente novamente, plante anjo, planejando...
Não deu Deus, desculpa em dez culpas, só minha.

Calma nossa, grãos

Dor que reveste minha calma
Atenta agonia que implica em sua dor
Sara caro hospital em puto público
Posso cuidar de você
Cuida, ajuda, cura, alivia
Toma para si e arranca do outro
Lágrima que retoma aos olhos
Sarando o mal sem lamentos
Dá a mão
Reprime o sofrimento, a dor
Anestesia, leva, repele, destrói.
Gemidos para suspiros.
Cortes para sorrisos
Num calar noturno
Absurdo de querer provar cuidado.

Repetição

Não há domínio diante das repetições
Por curto intervalo achamos está seguros
Balera, outros motivos
Novas vontades, repetição
Segue sangue sugado
Efeito crescente, enfeitado
Avassaladora inclusão destrutiva
Ganhadora impressão de rotina
Repetição!
Novos dias virão envenenados
O toureiro só é picado
Na arena de propósito causado
Vida em instante ócio
Osso da maldição
Liberdade saudável distingue milagres
Corpo solida plástico, implica saudade
Outra vez, de vez no tanto
Repetição.

Nova estrada nossa

Rotas de vontade exercida
Nada fugaz, despercebia
Outros exercícios de inclusão
Planos e expressões dadas
Dois para uns DEZ protegidos
Nota em excelente permanência
Nós
Num nó enroscado a procura
Captura de função planejada
A quem se diz, combinado
Prato raro a mesa farta
Cala-te num grito roto
Qual moço afiançava fusão
Aliança em constância dita
Redigida sobre vocação
Rótulo de estância cheirosa
Cores de caminhos iluminados
Pra não mais seguirmos sozinhos
Outros destinos citados.
Vamos!

Preciso das canetas e dos cadernos

Era dos computadores
Maquinas de escritas através de aceleração manual
Não me esqueço de ti caneta
É de não deixar escrita errar
Quantas cores emenda seu turbo?
Em várias páginas cilindra seu cubo!
Escrevo e garranchos
Desenha em escritas
Descrevendo hora bendita
Alegria de querer escrever
Desabafo em línguas
Letras confusas a ti
E em mim, clareza.
Proeza de poesia ritmada
Versão em estágio de reforma
Volta e meia procuro ti
Caneta, papel, lerdeza e relato.
Tecnologia, entretanto usada.

A manda de uma amada

Modificava estação com plano e tolerância
Fez se por olhar, olhou, retamente... Fincou
Sábia aba envolvimento caiu frio amada
Dia a dia... Boneca lapidada.
Amanso amador dos felinos sorrisos
Da bendita divina inexplicável
Não era o que eu esperava
Calou o setor de todas as revistas falantes
Gritou a prover nos altos falantes mudo
Criou fidelidade a vontade única
Estacionou a manda do próprio gozo
Recitou a mando do ego trono
Rainha de coroa invisível
Princesa de herança rodízio
Colo meu suplica eternidade
Exagero meu demonstra verdade
Entenda hoje pra que não pereça amanhã
Até que dure, perdure, outra senha,
outro modo, outras razões
Ah manda! Permissão? Continência e desobediência
O mar manda "os" pluralizar só pra estender
Bela frente, fecho largo, luz que radia
Permanece e instiga diversas
Longe quando fiquei, tornei forte
Pra nunca manchar portfólio nobre
Sem Hobby, permanência necessária, real clamor.
Amor de ponteiros controlados
Flechada de cupido folgado
Mulher de ocasião repentina
Novo Ser, abençoado.
Enquanto houver paixão haverá entrega.
Eu tenho o que você precisa, eu preciso do que você
tem...

INVEJOSOS MENCIONAM VOCÊ

Se não tem capacidade de fazer sozinho algo que possa lhe manter satisfeito, não faça como suspeito o julgar dos nossos afazeres... Não tranque em acreditar que possa ser incapaz e nem perca seu tempo me rodeando... Construa unicamente a si e aos seus, esqueça-me, não me deterá. A inveja é uma confissão de inferioridade, fraco!

Sempre mais

Não mais se ver
O tempo trás e leva
Cadê você?
Que tanto desespera
Quem mais vai crer?
No laço do que venera
Quero te ver
Não sei o que me espera
Me pego lembrando saindo de casa
Chamava aos gritos, fingia não escutar
Saudade forte em corpo, no peito a brasa
Na calma rara me faz lembrar, sempre mais
Dispensio palavras
Já não importo mais
Desejo um abraço
Do que me trás a paz
Quero que entenda
Mesmo sem compreender
Já diz a lenda
Tem que ser para ter
Me pego lembrando saindo de casa
Chamava aos gritos, fingia não escutar
Saudade forte em corpo, no peito a brasa
Na calma rara me faz lembrar, sempre mais.

Nada em comum

Atrevida e montada me trouxe o renascer,
com os olhos fitos, sem percepção comum,
restrita sobre um sonho maior.
Desviarão legal, a maçaneta quebrada e torta.
Pra chegar ao que quer,
não é mostrar a ninguém.
Os cavalos podem está bem escondido,
calados e robustos, grossos, fibra inteira.

O batalhão não esquivava a barulho algum
Sobre sons estranhos que soam tão comuns.
É uma guerra simples,
Porém não pode entregar...
O prêmio haverá sobre o tipo que criei.

Sedentária, aflita, violão de corpo sonho.
Estrangulado de corda fina dupla.
Taça mundo, fundo raso.

Despedir o amor de mim

Sentia sua falta ontem quando lapidava
sobre a corrente as pedras mais finas do meu colar,
odiava circunstâncias que queria
acreditar que o mal existia.
Foi quando, no mesmo instante que me entregava a
aquilo
atravessava sobre meu trilho um gato branco,
a única vida com a Graça
momento rumor de lâ
que o tirando, traiu-se.

Quero ver como o sistema funciona
em caráter velho e sem ética,
para o descobrimento olho um olhar
de um ano sem ser punk.

Correto público para que o povo faça
sons, seja certo ou errado,
somos nós que invocamos
a plateia certa,
somos nós que criamos o nó cego.

Mal conseguia expor tudo sem perder muito
fervente via alho,
gosto das piradas internas
vinho de chão, nona parada.

Cair ganhando uísque
da aí 10
aí de é a Aids
estimular nu... Saiba!
Chapa na areia e pena nas falhas
porém falem a cama que ande na central.
Totalmente Organizado.

Segredo de escritor

Escritores dos povos, poemas pra sorrir.
Torta envenenada sem sal.
Para onde seguir?
Fadas que encantam, mais não sabem amar.
Atormentando, pra nada.

Não tem nem por que.
Crianças e adultos,
tudo é absurdo.
Somos criados pra viver nessa lama,
caso de tarde, já escuro.

Tropeçadas em paralelepípedo,
torce minhas unhas.
Casa, quintal onde o velho fuma,
pulmão arrota a rua suja.

Caramuja de marinheiro marujo.

Calma eu não atirei em nada.
Um pirata pirado queria me dá bordoadas.

Cinema, mar, roda gigante...
E o meu filhote sonhando
como uma menina na cama.

Que tempo loucura...
Garotos dormindo na sepultura.

Plano engano.
Lápis, escreve, digita lápis.
É segredo... Lápis rabisca.

Mentira que não quero

Quero encontrar nova amada...
Não sei como ela se chama...
E se ela me chama.

Mais sei que vou amar...
Seja loira, racista ou negra.
Morena de taipeira
ou uma ruiva besteira.
Cabelos normais.

Tipo uma planta
que fortifica e cala.
Quando se abriga a garrafa.
Calada ainda vai.

Explode como uma bomba
voltada direta pra mim...
Explosão de amor cheio.

Papos e prosas, versos que toca.
Suspiro verdadeiro, sopro certo.
Oferece-me o seu ouvido ao tal vento de dentro
soprado.
Ele proliferar amor indo como
gotículas rosa que se espalham a essência rosas flores.

Venha e não demore a chegar... Ata que aguardo.

E a nossa saúde?

Percebemos o quanto é encaminhado
o nosso corpo...

Descontente!

Cancerígenos lados nos perseguem.
Além de fumaças, enlatam quase tudo agora.

Diferenças de formas prejudiciais vão chegando
devagar e sempre, quase não percebemos,
ficou normal demais.

Nos portões da justiça imploram por uma cura
do homem que não pensa no amanhã.

Estão soltos pela terra pragas que há pouco tempo atrás
não existiam e que agora proliferam sem pedir licença.

O que será das futuras gerações?
Da geração atual?
O passado ficou sem nos ensinar o futuro...

E agora João?
Será que o sonho acabou?

Ainda não.

Salve-nos Jesus.



VAMOS PULAR

Incomoda o ócio machucando os ossos
Na janela, passa mundo
Escondia! Fechava o que se abria
Rejeito, falsa regalia. Quem se esconde
perde vida. Pule!

O mundo está derretendo

Não é que esteja quente,
mais a chapa está quase derretida.
Somos construtores destrutivos
dos nossos próximos dias.
Aquecedores ligados fervilham a todo vapor.

E a gente.
O que nos resta?
Acreditar que um homem salvador vem nos ajudar?
Sim! É tempo.

Agora é aceitar e arrematar no peito.
Aos garotos que queriam mudar o mundo.
Parabéns!
Êxtase supremo.
Conseguiram.

Tudo derrete.
Perde-se em meio das nossas provocações.
Acorda e em fúria a natureza,
que replicará com força de consequência
seus mais poderosos gritos.

A destruição.

A saída existe.
Além das melhoras que nós podemos fazer,
as portas da glória ainda estão abertas.

Existe tempo agora para o novo caminho.
Está dentro de você,
pois se dependermos desses homens do nosso mundo
a perfeição jamais será alcançada.
Pode despedir e procurar um acento
para participar do final triste.

Esse mundo não nos pertence.

As cidades que celebrizam ficará em migalhas.

E o novo encanto surgirá.

Os escravos não servem mais

Sangue corre e dar vida à carne crua...
O espelho reflete você nu
Eu não sei em qual esquina vou te achar.

Comprar o meu não é pegar o seu
Os santos de barro nunca esclareceram
E agora tudo vem como um sonho perdido

Os caminhos sempre estão abertos
Sempre ficando com alguém por perto
Caçadores que contavam histórias incríveis.

O gato salta o velho muro
Dona Josefa come muito
Caviar no nordeste
é prato imundo
E os escravos já nem servem mais.

Você

Maravilha de tempo certo
O amor refoga sem dor
Nada melhor que o vento,
as fases, o momento.

Acreditar não é imaginar
Caçadores de fenda no aterro
Saudades que ficam no ar
Vontade dum certo aconchego

Carretel de desejo enrolado
Abraços de fios chocados
Bondade que desembaraço
Direção que leva e logo traz
Bem perto, a distância existe.
Por onde estará agora?
Minha primeira aprendiza.

Abertura interior

Quantas vezes queremos imaginar no que não ser
Porque temos que aceitar como se tudo
fosse realmente assim
Dizem que aquela pedra é ouro
Com muita raridade e valor, todos acreditam!
Porque não ser valioso a pedra no seu quintal?
É... Seja ela qualquer!

Até quando acreditaremos nessas verdades
que não são absolutas
Por tantas explicações nos perdemos nessa estrada indicada
A matar seres animais parecendo normal
E porque não imaginar você em seu lugar
Seu poder de pensar te fortalece e
se atraí ao fato carnal
Animais que sofre, sofre por não ter defesa
Mas em algum lugar te disseram que assim tem que ser
Incompreensão maldita e ensinada
por gerações em gerações

Se solte da terra e olhe tudo de cima.
Veja o quanto somos minúsculos e frágeis aqui de cima
O passado
Talvez possa ser a maior insignificância da vida
Não conseguimos concertar
Tomar outros caminhos normais e diferenciados
Não sendo um ato de radicalismo e sim de um caminho
Somos superiores a qualquer outro ser
Caçando sempre o largo caminho
Que deixa abstinência e frieza
Aos pacos sabores mentirosos
Atrapalhado e desconfiados seguimos
Para o curral que nos empurra pra linha do horror.

O viciado não ver

Espaço de muito papel
Acrescenta, diminui e segue riscos tatos
apalpando com narinas segredos em pó

Tento e aconselho, mas não ouve
Tipo tapa de visão em cérebro

Acorrentado segue por números de dias sem fim
Chegará o final dessa destruição
Porém pouco se entende diante
da noia escrava e avassaladora

Tantos apegos
Filme de desejo
Endiabrado sem abstinência continua engatando

Importância que no qual desconhece...
Maldito... Maldito Dia.

Água de conselho jorrou sobre o seu rosto
e nada.

Fracassei por tentar lhe aliviar dessa farda pesada
Sua vontade é só sua... Mas tenho a minha
e sinto-me na obrigação
de te salvar...

Vem planejar como fazer do nosso mundo o brinquedo
maior
vivendo com certeza de criá-lo.

Falcatruas preenchem o insatisfeito e não o guia.

Acorde, levante e lute.

Carta de amor é ódio

Carrego e carrego calado
Não faço por fazer, é de vontade
Decepcionar-se-á quando a perca acontecer
Dias e noites lhe agoniará sem trelas
Carrancudo ficará seus próximos segundos

Quando eu lhe enviar
A minha mensagem que queria
Sentirá cacas de maldições
Perceberá o tanto quanto eu sou cruel

Verás que pra ser ríspido
Basta desafiar o que é santo

Meu olhar virará tira de ódio
Assim como minha poesia, carta de lamento.

E seguirá até acabar a tua ignorância continua
Matuta é muito pouco como uma palavra de incentivo
Erramos para aprender, ao contrário de você
que erra pro prazer.

Não durma mais. Seus pertences exalarão
como acetona ao léu.

Vem pra vida real, vivendo na sua ilusão
Desfizera do que foste sagrado
Sem nenhuma atenção...

Atenção! Você vai cansar.
Lembrando do tamanho animalzinho quem em ti abriga.



VISÃO INTERIOR

A fragilidade do ser humano como animal que
retarda regeneração é tão próxima a da vivência
no egoísmo introduzido em reflexões solitárias e
resultados pré julgados, sem verdades.

Olhe para você, mas sem espelho
dessa vez por favor!

Família

Aconchegando no colo
Encontro ao momento
Que quando se perde
Tanta falta faz!

A época de encontro
Na praia da semana santa
ou no São João de fogos
Natal de esperança
De um povo bem nobre

Dia a dia, manteiga no pão
Limpendo o chão
Sobremesa na vista
Vem aqui meu irmão

Painho e mainha
Construtores de tudo
Painho ainda ensinando
Sumindo no mundo

Família partida
Nascimento de vida
Outras gerações não substituem
Mais se encaixam como dentes de traíra.

As melhores ondas

Cavaleiro de onda, pequeno gigante
Monstro d'água refletindo sobre velocidade do vento
Cambotas mergulhando em fervor das trovas flutuantes

Alto mar, captando o meu equilíbrio mais sombrio
Larga prancha, parafina grossa

Onda encavacada, estância verão...
A perfeita, tubo pintado por Deus.
Totalmente azul.
Ofusca Sol!

Nunes, pata todo litoral
Lugares vários
Itacaré, Salvador
Maré de frio
Sul da Bahia, agora Rio.

Rodeando manobras
Board 180º 360º

Pulmão jamais apertado
Calibrando vazadas
Tal como braçadas a nado *surf*.



O HOMEM E O SENTIMENTO

O homem nunca é feliz se por trás dele não
houver uma grande estrutura sentimental.

O verdadeiro sentimento de amor é
desfavorável a Deus, quando é dada
a outra pessoa que não seja Ele.

Em verdade vos escrevo.

Aumentou a vontade

Por quê?
Tive-te como ter a aliança nos dedos
Tirava algumas vezes pra lavar as mãos
Vendo que sem pressa e concentrado
Eu só poderia mover um pouco
Pra frente e pra trás
Suavemente provocando espumas
Só percebi depois, porém me despercebes
Escumas de um vinho que bebi e gostei
Fugir do ser é rasgar o couro que não merece
É cantar em coro pra surdo ouvir
Quantas realezas terão na sua época?
Vem Ser a rainha do meu reino
Outrora princesa que cresceu
Além de rei saberei ser o melhor dos súditos
Misturado ao bobo da corte pra que possa alegrar
Comer o bobo e semear várias bordas até que
descansamos em terra
Terra que saberá frutificar com nossas sementes férteis

Rosa Rosário

Se não foi propicio
O raciocínio sistêmico lhe cobre
Pode ser ofício
Assinarei todas as cláusulas
Almejar o encontro que tanto retarda
É acrescentar esperança na continuidade sutil
Pronto, não sei das suas pretensões inacabáveis
Um caso, mil cenas, um lago, milhões de algas

Portanto retornar meus ditos
Esclarece o perigo
Corremos pra não ocorrer

Aceitaria de peito aberto
Constatando a força que tenho
Momento traiçoeiro, no travesseiro
Já havia sonhado
Premonição pra herança surdina

O homem que segue um descaso
Recebe o ódio como aliado

É pra ser minha, MINHA ROSA

Estonteante

Céu negro, carregada nuvem de sombra a ser
Olhos azuis
Rá, ieier
Pegadinha do malandro
São os óculos
Que poema é esse?
Vai ser publicado agora mesmo
Por quais canais vincular
Longe de não se pegar
Ta tapado talo tiro
Grito de emoção
Contas pessoas não são tão simpáticas e ninguém paga
dívidas com abraço
Conte mais
Com muita emoção
Não se atreva a pensar muito
O sono consumiria qualquer suspiro inspirador
Abraçando cinzas
Cala ao frio, calafrios de entrar
Quem vai abrir?
Pensar penteado desviado corte curto
Cabelo de rosto, baba todo abaixo, textura, abala
Choveu ta frio bom de anil hoje no Brasil
Melhor corte seria entre afagues carne solta, viva
Nem consumiria água enxuta
Molhada a escorregão.
Conte mais
Conte muito
Vou olvidar e anotar, compartilhar, publicar
O que inspira-nos?
Aspirina vencida no bolso curto, raso.
Vaso de razões.... dei-me do teu esterco
Aqui semearmos...

Inspira-te
Intenso
De onde vem
Tamanha ternura
Conhecendo aqui, sempre aqui, por ai
Nunca foi se encostar
Colo de arrebató
Vindo de vento tonto, invadindo ceia cheia,
sereia de rio Tin.
O que quero pra mim
Trazem pra você...
Levam pra mim
Levam pra você...
Teu querer é apedrejado lotado
Pertence de nós
Quer que horas, quanto...
Ai de ser o teu querer
Dia que aqui estar, estou, é?

Tu vais, tu vens
Que horas, agora? Agora. É!
7 chaves a 7 palmos, palmas em Palmas.
Ao céu, Alceu, ao seu.



DESESPERO

Vou borrar de sangue tinto seco aquele segredo
que só o fogo sabe falar.

Há sempre um olho interno a procura
incentivadora de nós mesmos.
Podemos ser mais do que o vemos, outras verdades.

Queremos respostas e as perguntas estão todas
prontas, a partir de agora desaprendendo numa
proposta de rever e pensar, perceber, imaginar
possibilidades, aprofundar, favorecer as perspectivas,
sair do grau estável.

Apalpar com o corpo, ouvido, vísceras, cabeça,
sentindo essa forma de tocar.
Encorajando a percepção, dominando-a, esticando-a,
revendo-a, aprofundando-a, nada pronto,
liberdade sem obviedade.

Globo ocular numa dimensão de sonhos sem
filtros, busca da nova imagem em diversos
ângulos e malícias, muitas vezes invisíveis, quando
nos permitimos podemos simplificar na teoria
que desenvolverá naquele instante sem julgo,
apontaria os tapas de beijos secos.

É necessário exercemos a paciência assim como se
alimentar diariamente e entender que o molhado
predomina é entender também que há margens de
percentuais diferenciados...

Acredito que Deus é tão bom que não haverá fim.



